

MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos¹

Ana Cláudia Bortolozzi Maia*

Raquel Baptista Spaziani**

Resumo

Este artigo apresenta um estudo descritivo-qualitativo que teve por objetivo investigar a percepção de sete professoras, cinco pais e dezoito mães sobre as manifestações sexuais de crianças até seis anos por meio de um questionário com questões semiabertas e posterior análise de conteúdo. As manifestações sexuais identificadas pelos adultos, na casa ou na escola, referem-se, principalmente, às questões de gênero e à descoberta do corpo: as crianças reproduzem concepções de masculino e feminino, manipulam seu próprio corpo ou o de outros, verbalizam sobre namoro, beijo na boca e sexo. As professoras, mais do que os pais e mães em casa, percebem os comportamentos sexuais das crianças, que na escola são explícitos. Professoras relatam que os comportamentos observados geram ansiedade e desconforto e os pais e mães que costumam dialogar com seus(uas) filhos(as) sobre o tema. Em geral, há relatos de pouco conhecimento sobre como agir diante das manifestações sexuais infantis, tanto das professoras que têm pouca formação acadêmica na área da sexualidade, quanto dos familiares, que demonstram certa dificuldade pessoal e moral. Conclui-se que os participantes compreendem as crianças como dotadas de sexualidade, pois percebem diferentes expressões da sexualidade infantil que são típicas do desenvolvimento. É preciso investir na formação acadêmica e continuada de professores da educação infantil, bem como no trabalho em conjunto da escola e da família, visando propiciar às crianças a experiência favorável de uma educação sexual emancipatória.

Palavras-Chave: Sexualidade infantil. Infância. Educação sexual. Educação infantil.

Introdução

A sexualidade é um fenômeno abrangente. Refere-se tanto às múltiplas manifestações erógenas e corporais ao longo do desenvolvimento humano, como também às representações

¹ Esta pesquisa apresenta dados parciais do projeto de pesquisa de Iniciação Científica FAPESP (Processo n. 2008/10195-5) e do projeto de extensão “Sexualidade na infância: orientação para pais e educadores”, realizado em uma creche universitária no ano de 2009. Agradecemos a Patrícia Cristine Pereira e a Marcela Pastana pela colaboração nesses projetos.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Universidade Estadual Paulista. E-mail: aclaudia@fc.unesp.br

** Discente do Curso de Formação de Psicólogos da Universidade Estadual Paulista. Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP. E-mail: raquel_spaziani@yahoo.com.br

sociais e históricas que dele fazem parte: valores, atitudes, concepções, etc. Neste sentido, o conceito de sexualidade envolve as relações sociais e políticas que medeiam o modo como as pessoas experienciam seus corpos, prazeres e desejos (CHAUÍ, 1985; NUNES, 1987; RIBEIRO, 1990; GUIMARÃES, 1995; MAIA, 2001; BOZON, 2004; LOURO, 2007; SILVA, 2007; RAMIRO; MATOS, 2008; MOTTIER, 2008).

O conceito da sexualidade, amplo e difuso, e a concepção de que crianças eram seres sexuados foram difundidos por Freud (1987), que compreendia a sexualidade como uma força pulsional inerente à estruturação da personalidade, que se vincularia a diferentes zonas erógenas (oral, anal, fálica e genital). Segundo o autor, o desenvolvimento psicosssexual leva as manifestações prazerosas relacionadas às zonas erógenas, o que torna compreensível a curiosidade das crianças em torno do próprio corpo e da sexualidade, já que estas manifestações fazem parte de seu desenvolvimento. Rufo (2005) lembra que as crianças têm sexualidade porque sofrem pulsões sexuais e buscam satisfações de natureza erótica, o que é evidenciado em comportamentos como mamar, morder, controle esfínteriano, brincar, falar palavrões, descobrir-se, tocar-se, identificar-se, etc.

Há muitas manifestações sexuais entre as crianças. As mais comuns, tanto no ambiente escolar como familiar, são as curiosidades e questionamentos, a masturbação infantil e os jogos sexuais. A masturbação sexual infantil, solitária ou não, é marcada, na maior parte das vezes, pela exploração do corpo, respondendo a um estímulo corporal imediato e não às representações subjetivas de fantasias eróticas adultizadas (NUNES; SILVA, 2000; MAIA; MAIA, 2005; RUFO, 2005; VERGUEIRO; GALLI, SILVA, 2007; RIBEIRO, 2009). Os jogos sexuais são evidenciados por meio das brincadeiras entre grupos de crianças que envolvem situações de toques e visualização do corpo, como ‘brincar de médico’, por exemplo. Nessas brincadeiras sexuais ocorre, sobretudo, a aprendizagem das diferenças e semelhanças corporais entre os sexos, proporcionando a construção da identidade em relação ao gênero e também a percepção corpórea de sensações prazerosas, tudo isso permeado pelos padrões sociais de comportamento (VITIELLO; CONCEIÇÃO, 1993; NUNES; SILVA, 2000; MAIA; MAIA, 2005; SILVA, 2006; 2007; VERGUEIRO; GALLI, 2007; RIBEIRO, 2009).

As manifestações da sexualidade infantil envolvem, portanto, o prazer pelo contato corporal, favorecendo a descoberta do corpo e a percepção de que ele proporciona diferentes sensações (LAVIOLA, 2006; SILVA, 2007; VITIELLO; CONCEIÇÃO, 1993; MAIA; MAIA, 2005; RIBEIRO, 2009). Desta forma, a masturbação e os jogos sexuais são considerados saudáveis e importantes para o desenvolvimento sexual. A esse respeito, Nunes

e Silva (2000, p.77) afirmam:

Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza ao redor de 3 ou 4 anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como “masturbação” ou “perversidade”. A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem às crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades.

Diante dessas manifestações sexuais infantis, bem como dos diálogos decorrentes de sua curiosidade sobre a temática, os adultos precisam estar preparados para não se omitirem ou responderem com informações inadequadas e/ou fantasiosas, pois isto pode privar a criança do reconhecimento de sua sexualidade, assim como fazer com que ela compreenda o assunto como algo errado ou sujo. Segundo Laviola (2006), é comum que o adulto, ao perceber algum comportamento da criança como sexual, reagir de alguma maneira a ele, seja informando, mentindo ou se omitindo.

Em geral, educadores – como pais, mães e professores(as) – costumam reagir diante das manifestações sexuais de filhos(as) e alunos(as) a partir de sua própria história de educação sexual, isto é, a partir de seus valores pessoais sobre o modo como foi construída a sua sexualidade e não de reflexões que lhes permitam separar o direito das crianças de receber esclarecimentos sobre suas próprias dificuldades pessoais no assunto.

Nunes e Silva (2000, p. 3) comentam que as atitudes de pais e educadores diante da sexualidade de crianças costumam ser de dois tipos: uma, unilateral, inibidora e mistificadora, que ocorre quando os adultos tentam “apagar incêndios” diante das curiosidades sexuais das crianças; outra, omissa, que é quando “fingem que não veem”, o que para os autores se explica pelos “limites de nossa formação e impedimentos de nossa cultura e informação sobre o tema”.

No caso das escolas, autores como Nunes e Silva (2000), Maia (2004), Reis e Ribeiro (2005), Egypto, Figueiredo e Silva (2006), Figueiró (2006) e Gambale, Vergueiro e Silva (2007) têm defendido que o ensino da sexualidade deveria fazer parte da proposta pedagógica, garantindo aos professores e dirigentes condições para atuar como educadores sexuais. Como as crianças têm frequentado as escolas cada vez mais precocemente, convivendo com diferentes situações de novos aprendizados, os professores de creches e da educação infantil também devem estar preparados para lidar de maneira adequada com o tema, principalmente

porque são comuns as manifestações sexuais dos alunos no ambiente da creche.

Para Ribeiro (1990), a família é uma instituição social importante para nortear padrões comportamentais no processo de educação sexual, mas a escola tem a responsabilidade e o dever de assumir a orientação sexual formal. Segundo Laviola (2006), as crianças aprendem sobre sexualidade primeiramente através dos comportamentos e significados fornecidos pela família, ampliando a compreensão a respeito do assunto; posteriormente, pelas informações dadas através do(a) educador(a).

A escola infantil é um espaço de formação que extrapola os cuidados com a alimentação e a higiene, uma vez que tem por finalidade promover o desenvolvimento infantil em vários aspectos: afetivo, cognitivo, social e físico (COSTA, 2003; SILVA; PANTONI, 2009). Segundo Ferreira, Melo e Rosa (2003), a creche deve buscar contemplar, já em seus projetos pedagógicos, a crianças em suas diferentes dimensões, considerando os movimentos corporais, a imaginação, a sexualidade, a ludicidade e as fantasias. Segundo os autores:

Com certeza, a cognição é importante, mas o conhecimento deve perpassar as diversas dimensões do ser humano, buscando resgatar o sujeito na sua totalidade. Nesse sentido, a intervenção do profissional que trabalha na educação infantil, numa perspectiva emancipatória de educação, buscará auxiliar no processo de constituição da criança como um todo, na produção do caráter histórico deste ser humano. E nesse caráter humano, histórico, certamente está incluída a dimensão sexualidade também na infância (FERREIRA, MELO e ROSA, 2003, p. 3).

A creche precisa considerar que vai enfrentar situações de manifestações sexuais dos alunos-crianças e que precisará tomar certas atitudes em relação a estas condutas. Desta maneira, os educadores devem estar preparados para responder de modo claro, verdadeiro e objetivo às questões relacionadas ao corpo e à sexualidade (GAMBALE, VERGUEIRO, SILVA, 2006; SILVA, 2006), pois a transmissão de informações isenta de valores pessoais do educador pode favorecer o desenvolvimento da autonomia e da emancipação das crianças. Para isso, os educadores devem respeitar a necessidade de autoconhecimento de seus alunos, bem como promover discussões abertas, tratando do tema sem punições (FAGUNDES, 1992; NUNES; SILVA, 2000; FIGUEIRÓ, 2004; MAIA; MAIA, 2005; MAIA, 2006), buscando valorizar a dimensão sexualidade na educação infantil, enriquecendo as mediações educativas que buscam suprir todas as necessidades das crianças (FERREIRA, MELO, ROSA, 2003).

Jagstaidt (1987) defende que a compreensão das crianças sobre sexo, fecundação, gravidez, nascimento e diferença entre os sexos depende de aspectos afetivos, emocionais e cognitivos. Segundo esse autor, o adulto seria um importante mediador no oferecimento de condições que proporcione às crianças compreender e dialogar sobre suas teorias sexuais.

As manifestações da sexualidade infantil na escola exigem que os professores possuam conhecimentos e habilidades para tratar o tema, porém, para muitos deles, lidar com a sexualidade é um problema, já que não sabem ou não aprenderam a ensinar tal assunto (FAGUNDES, 1992; NUNES; SILVA, 2000; LAVIOLA, 2006; RIBEIRO, 2009). Aliado à falta de informação, há o aspecto de que muitos educadores possuem uma história de educação sexual caracterizada por dúvidas, medos e tabus (FIGUEIRÓ, 2004; MAIA, 2005), afora a insegurança de enfrentar os pais que podem ser contrários à orientação sexual na Educação Infantil (SILVA, 2007).

Para um projeto de ensino da sexualidade na educação infantil ter sucesso, na opinião de Ferreira, Melo e Rosa (2003), é preciso primeiramente haver a superação do viés repressor em relação ao que se entende por sexualidade infantil, pois, professores e pais de crianças possuem, muitas vezes, histórias carregadas de preconceitos, medos e opiniões negativas e vergonhas a respeito da sua sexualidade.

A fim de investigar as ações das educadoras diante das manifestações sexuais de seus alunos da educação infantil, Laviola (2006) entrevistou professoras do município de São Paulo. Através destes relatos, categorizou as seguintes ações das educadoras: permissivas, restritivas e de negação. As ações permissivas referiam-se às atitudes de permissão quando havia a possibilidade de ocorrer manifestações sexuais das crianças; as restritivas, quando as educadoras puniram ou ameaçaram seus alunos diante de tais comportamentos; e, por fim, as ações de negação, quando elas distorciam o sentido das manifestações expressas pelos seus alunos.

A autora percebeu que os relatos de ações permissivas foram muitos; porém, que se relacionavam a situações que elas compreendiam como menos sexuais, pois, diante de situações relacionadas com certos comportamentos sexuais, a tendência seria o relato de ações de restrição; no caso da masturbação infantil, as educadoras relataram ações de negação. A literatura evidencia que a sexualidade é ampla e inerente ao ser humano e que as crianças a manifestam em diversos contextos - dentre eles a escola e o ambiente familiar. Quanto aos adultos, apesar da necessidade de orientarem as crianças a respeito do tema, muitos não estão preparados para fazê-lo ou teriam dificuldades maiores quando se trata desta faixa etária. Aventamos a hipótese de que as manifestações sexuais das crianças não são deles despercebidas, mas, por comodidade, é bem frequente a atitude de se omitirem diante delas.

Face a essas indagações, o presente estudo propôs-se investigar a percepção de professores, pais e mães sobre as manifestações sexuais de crianças até seis anos e sua compreensão sobre essas ocorrências.

Método

Esta pesquisa é descritiva e exploratória, caracterizada como um estudo qualitativo (SPATA, 2005; SAMPIERI, COLLADO; LUCIO, 2006). Sua realização ocorreu após a aprovação de um Comitê de Ética de uma universidade pública, respeitando a regulamentação em pesquisas com seres humanos.

Participantes

Participaram desta pesquisa sete professoras de uma escola infantil, aqui denominada creche, onde atuavam como professoras na educação de crianças entre um e quinze anos. A religião predominante das professoras era a católica (5), aparecendo também a evangélica (1) e a adventista do sétimo dia (1). Também participaram da pesquisa cinco pais e dezoito mães de crianças de idade entre três e seis anos. A religião predominante dos pais era a católica (16), seguida da evangélica (5), aparecendo também a religião espírita (1) e testemunha de Jeová (1).

Os participantes serão identificados na pesquisa com a letra maiúscula P para professoras e letra maiúscula F para familiares, como pais e mães, seguido de números arábicos. Exemplo: (P1) e (F1).

Materiais

Para coleta de dados, foi utilizado um questionário com questões semiabertas, elaborado pelas pesquisadoras. Tal instrumento foi testado em sua funcionalidade com sujeitos similares aos da pesquisa; após os necessários aperfeiçoamentos, foi utilizado na sua versão final. Os temas relacionados nas questões do questionário referiam-se aos seguintes aspectos: conceito de sexualidade; percepção de sexualidade na infância; manifestações sexuais das crianças; modos de agir diante dessas situações; dificuldades e interesse em formação na área. Esses temas configuraram as categorias previamente elaboradas para análise de conteúdo posterior.

Procedimentos na coleta e análise de dados

Em primeiro lugar, foi feito um contato com a dirigente de uma instituição de educação infantil de uma cidade do interior paulista, a quem se descreveram os objetivos e procedimentos da coleta de dados, garantindo-lhe o respeito aos aspectos éticos assumidos pelos pesquisadores e solicitando-lhe a permissão para o convite aos participantes: professores e pais dos alunos da creche.

Após a seleção das professoras interessadas em participar, agendou-se um horário adequado para que respondessem, numa sala com privacidade, ao questionário. Do mesmo modo, a todos os pais e mães da escola foi enviado um questionário, acompanhado do convite de participação. No prazo de 15 dias foram recolhidos os questionários dos pais que responderam de modo voluntário. Após a coleta de dados, foi oferecido às professoras um minicurso de esclarecimento teórico-prático sobre desenvolvimento da sexualidade na infância. Também houve se realizaram plantões de esclarecimento para os pais, para ajudar em situações cotidianas de orientação sexual às crianças, oferecendo sugestões de materiais (livros e textos) de apoio.

A análise de dados pautou-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). As categorias temáticas foram previamente previstas no questionário.

Resultados

1- Compreensão de professoras e pais sobre sexualidade e sexualidade na infância:

Na percepção das professoras, o conceito de sexualidade apareceu como abrangente: além do sexo, compreendia os aspectos biológicos e corporais relacionados ao gênero, como “afetividade, sentimentos e a parte biológica”, “conhecimento do próprio corpo”, “parte feminino masculino”.

No caso dos pais, houve uma ênfase na genitalização da sexualidade, isto é, enfatizaram as diferenças entre sexo masculino e feminino, o desenvolvimento sexual e a vida sexual e reprodutiva, ressaltando a percepção da sexualidade como “algo que aflora instintivamente para a reprodução”, “crescimento biológico”, “função natural dos seres humanos”, “relacionado com o sexo e suas transformações”.

Tanto as professoras quanto os pais percebem a sexualidade nas crianças, embora as

professoras tenham maiores evidências dessas manifestações.

As professoras relatam que percebem que as crianças têm sexualidade como todo mundo, predominando suas manifestações nas questões de gênero e na descoberta do corpo nas brincadeiras.

A gente começa a perceber na hora assim quando percebe o corpo a gente começa a detectar nesse sentido de ta, ta mexendo mais com o corpinho, ta envolvendo os amiguinhos, dar beijinho, de passar a mão, de ta se auto acariciando, de ta acariciando os amigos, de envolver, então a gente começa a achar que ta começando a desenvolver nesse sentido (P1).

Tem uma aluninha minha que coloca uma bola na barriga o tempo todo [...] Essa aluninha minha que fica pondo a bola na barriga dando um beijo na boca e assim, ela segurava ele, então eu tento ficar de olho nela, porque é ela que, que leva as outras também a, a ficar fazendo isso, ela gosta muito de ficar embaixo da mesa, no cantinho, sempre brincando que ta grávida, que ta escondendo neném, que ta dormindo na cama com o namorado (P2).

Eles fazem os jogos nas brincadeiras que eles dividem “a menina é a mamãe, o menino é o papai, a professora” e quando eles brincam também com os órgãos genitais (P3).

Eles querem fazer trenzinho, eles querem quem deixa mais encostar eles colocam na frente e então eu to sentindo aqui já, sabe, eles estão se encostando muito, eu tenho que ta toda hora olhando, e aproveitando quando dá pra colocar a mão no amiguinho, sabe, porque o prazer deles ta bem se esfregando nas crianças (P4).

A partir da diferença meninos e meninas. Agora não quer dizer que isso vá aflorar agora. Existe, eu acho, que existe com certeza. Às vezes algum movimento involuntário de alguma coisa, a gente percebe e eles podem nem saber o que é, mas a gente com a experiência (P5).

1.1 Percepções sobre os comportamentos sexuais das crianças:

As professoras identificaram várias situações de manifestações sexuais dos alunos na pré-escola, por exemplo: exercício de papéis (de “pai” e “mãe”), brincadeiras com os órgãos sexuais, toques no próprio corpo, beijo na boca, imitação de gravidez e ainda verbalizações e perguntas sobre as diferenças e partes do corpo. As situações que, segundo elas, mais propiciam esses comportamentos são: “hora do sono”, “banho e troca de roupa”, “brincadeira livre no parque”, o que, evidentemente, favorece o contato com os amigos, a diminuição da vigília e oportunidades que despertam o interesse e a curiosidade no assunto.

Exemplos de relatos das professoras:

Na minha turminha aqui fala muito de namorado. Tem uma aluninha minha que coloca uma bola na barriga o tempo todo e é por que a mãe tem alguém na família que ta esperando bebê. Os meninos já são mais assim molão, não pensa muito não, agora as meninas da minha turminha tão... só namorado, quer beijar na boca.[...] E

eu percebo também a hora que elas tão brincando com a Barbie, é direto! Elas ficam tirando a roupa das Barbies e os meninos querem brincar de carrinho, de luta com os bonecos, elas não. E assim, eu percebi que elas tiram as roupas das bonecas e colocam em cima mesmo! Então não sei se viram, se assistem coisas, que novela ta demais também (P2).

Perguntam bastante quando vão ao banheiro, “Por que o menino faz xixi em pé? Por que a menina faz xixi sentada?” [...] Várias crianças no soninho, por exemplo, mexem nos órgãos genitais pra dormir. Não sei se isso chega a ser falado por uma masturbação, se usa esse termo pra falar, mas eles mexem bastante nos órgãos genitais. E assim, muita criança, eu já vi, muita criança beija na boca, nas brincadeiras e assim, não aqui em outros lugares que eu trabalhei, eu presenciei o menino abaixar a calça ou ta escondidinho lá com a menina, o menino abaixar a calça, a menina mexer no pênis (P3).

Na hora do soninho, a gente fica num lugar fechado, mais fácil de enxergar, do que quando ta no parque, que também ocorre bastante, mas normalmente eles entram dentro da casinha e a gente não fica em cima, a gente fica de longe olhando, dá pra ver sim que eles tão com alguma coisa, mas apresentar mesmo é na hora do soninho. Então eles se tocam ou eles querem ver a, ou eles querem ir ao banheiro juntos, mas assim, eu não saio para ir ver junto no banheiro, mas já entrei uma vez no banheiro e tinha dois menininhos mostrando um para o outro o pipi, só falei pra erguer a roupa (P7).

Eu acredito que na forma do carinho, de beijo. [...] A parte que demonstra mais sexualidade que é o que a gente nota mais é quando eles mexem nos órgãos genitais, em momentos que eles estão mais soltos, que seria no parque, que eu vi muito no ano passado, que são brincadeiras livres, daí eles demonstram mais, se beijam etc, beijo na boca, que é o que a, que leva a casamento que vive na imaginação deles e... quando é o soninho, que é o horário deles descansarem também é coberta, né, então ficava uma coisa mais camuflada e a gente via que eles ficavam colocando a mão também nos órgãos (P7)

1.2 Relatos sobre as ações de professoras e pais em relação aos comportamentos sexuais das crianças:

Os pais descreveram que seus filhos fazem perguntas sobre sexualidade, em geral para eles ou outros familiares. Os comportamentos sexuais mais observados foram: masturbação (manipulação genital), beijo da boca, exibir o corpo e também dançar.

Abaixar a calça, mostrar o bumbum diante de várias pessoas, falar assuntos correlacionados a sexualidade em momento inapropriado, ou seja, fora de contexto etc. Manipulação do órgão genital (F1).

Quando vê um casal se beijando e questiona o porquê; quando me vê sem roupa e fica observando e questionando seu corpo (F2).

Na escola, os meninos e as meninas se beijam; em casa, tocando o órgão genital; tocando o seio da mãe (F3).

Certa vez, meu filho me viu grávida de sete meses, com aquele barrigão e levantou meu vestido para ver o bebê. Foi muito rápido e ele falou, “você usa calcinha, você não tem pipi, o que é isso? Quero ficar com esse barrigão”, colocou o travesseiro em sua barriga para imitar o bebê (F4).

As situações relatadas foram observadas, segundo eles, diante de programas de TV, de tomar banho sozinho, com irmãos ou pais, diante de brincadeiras com amigos e ainda em situações de festas com música *funk* e danças. Dez pais relataram que seus filhos não fazem perguntas ou exibem comportamentos sexuais, pelo menos que seja de seu conhecimento.

Quando me vê ao sair do banho ou tomamos banho juntos, ou seja, quando tem chance de ver que nossos corpos são diferentes (F2).

Quando ela vê uma cena de beijo na televisão e quando falamos das diferenças entre menino e menina (F5).

Ao trocar de roupas e hora do banho; quando vê alguma cena; às vezes, até mesmo, do nada (F6).

Quando pergunta questões relacionadas ao seu próprio corpo, as diferenças sexuais e desenvolvimento dos bebês (F7).

Segundo o relato das professoras, elas costumam, em geral, prestar atenção quando há sinais de ocorrência de comportamentos sexuais de parte dos alunos e tentam substituir o comportamento por outro. Quando são feitas perguntas, as professoras comentam que respondem rapidamente e evitam prolongar o assunto. Algumas situações são mais espantosas para as professoras; elas comentam ter maior dificuldade de lidar nestes casos.

Quando eles estão mexendo [nos órgãos genitais] nas atividades, alguma coisa que eu percebo, eu pergunto, “Por que tá mexendo, se tá com alguma coisa”, porque as vezes a criança pode tá com alguma inflamação, alguma coisa, se ela fala que não eu falo “mas agora não é o momento pra você mexer, vamos fazer outra coisa, vamos brincar”, explico também que se mexer muito pode machucar (P3).

Um menino veio e começou a beijar na boca do outro, aí eu achei estranho, achei meio esquisito e fui e conversei com a mãe (P5).

Pergunta assim: “Ai tia, você tem cú? Você já deu?”, isso eu tô falando de criança de cinco anos, e aí eu dei uma atividade, não da sexualidade, eu pulei, sabe, “Ai, vamos cantar a tia esqueceu”, mas porque eu acho que é entrar muito a fundo naquilo e a turma também não era minha, então eu não pude trabalhar nada. Eu só tava ali com eles um pouquinho, mas me assustou um pouco a forma normal que eles perguntaram pra mim. Eu via um menino e ele tava mexendo no pipi tudo, e todos os dias ele tava mexendo, então cada dia eu fui tirando a atenção dele disso e aí até um dia ele esqueceu, ou eu até tive uma, um caso que ele mexeu demais ele até começou a sentir prazer (P6).

Eu tinha o costume de trocar, eu via que tava fazendo um burburinho ali de baixo da televisão eu falava “então você troca com ela”, quer dizer, se você põe uma mais quietinha aí a coisa já diminui, só de você falar já pára um pouco (P7).

2- Compreensão de professoras e pais sobre o preparo para atuarem no esclarecimento sobre sexualidade das crianças:

Os pais comentam pouco sobre como costumam agir diante das manifestações sexuais de seus(uas) filhos(as). Às vezes relatam algumas respostas que oferecem aos filhos(as), as quais demonstram que se baseiam em valores pessoais e familiares. Em geral, relatam que se sentem “tranquilos” em lidar com essas situações, mas todos afirmaram que gostariam de receber esclarecimentos sobre o tema e que a escola deveria trabalhar com a orientação sexual das crianças.

No caso das professoras, todas comentam que não tiveram o conteúdo de sexualidade na sua formação acadêmica, nem em formação continuada e que, diante da pouca formação, as situações cotidianas de sexualidade das crianças desencadeiam, muitas vezes, sentimentos de insegurança e sensação de despreparo:

Na realidade eu não saberia muito bem como trabalhar com isso, o que falar pra criança, como... por mais que a gente saiba até teoricamente, na hora que a gente vê um caso assim a gente fica meio que chocada, dá uma balançada e a gente não sabe direito como lidar, então não me sinto não (P1).

Agora se acontecer alguma coisa assim mais séria, de querer ficar olhando um o outro quando estão no banheiro, de ficar se tocando, não sei se isso é normal dessa idade de querer se tocar, daí eu não sei como reagir, entendeu? [...] acho que eu preciso de mais, mais instrução sim, não sei (P2).

Seria interessante a gente ter uma orientação porque numa hora que a coisa fica você já sabe como lidar, e muitas vezes, a gente vai assim pelo instinto, meio no escuro, mas... (P5).

[antes de receber orientações] eu me sentia muito mais insegura [...] não sabia se fingia que não via, se falava, se não falava, mas quando você para tudo pra falar alguma coisa você tumultua todo mundo, né, você perde aquele momento de concentração, você perde tempo (P7).

Algumas professoras já tiveram acesso a palestras, informações e orientações e pensam que isso as ajudou muito, inclusive porque percebem como é possível conversar sobre esse tema na escola. Uma professora comentou que, depois de receber orientações como parte de um projeto com estagiárias de Psicologia, já fez um trabalho com as crianças e que o resultado foi muito positivo, pois todas elas participaram e gostaram da atividade e dos esclarecimentos recebidos. Há uma percepção de que a orientação sexual para as crianças na pré-escola é importante, mas o preparo individual não é suficiente, aparecendo a figura do especialista, coordenador de creche ou psicóloga como importante nesse processo.

Além disso, uma questão comentada por todas elas foi a importância da parceria com a

família e a necessidade de que os pais também sejam preparados para orientar seus filhos sobre sexualidade. As professoras acham que há pais que, sendo flexíveis, poderiam conversar com seus filhos sobre sexo, enquanto há outros que não devem fazer isso, nem gostariam; nesses casos, a escola deveria assumir essa tarefa, principalmente por motivos religiosos. Por isso, o trabalho de formação deveria abranger a elas e também aos pais para as crianças receberem as mesmas orientações.

Discussão

O conceito de sexualidade dos participantes, embora nos tenha parecido amplo, enfatiza mais as questões físicas e corporais, talvez porque a figura do corpo sexuado seja mais evidente nas manifestações sexuais infantis presenciadas por pais e professoras. A sexualidade foi citada como um fenômeno extragenital; no entanto, pais e professoras não demonstraram clareza quanto aos aspectos sociais, históricos e políticos que regem as concepções sobre sexualidade, tal como defendem os autores Chauí (1985), Nunes (1987), Bozon (2004), Louro (2007) e Mottier (2008).

As manifestações sexuais das crianças observadas pelos participantes foram coerentes com as esperadas no desenvolvimento psicosssexual típico de crianças de 0 a 6 anos, especialmente a masturbação infantil, os jogos e brincadeiras sexuais e perguntas sobre o corpo e o nascimento. Outros estudos também reiteram essas manifestações sexuais nas crianças (VITIELLO, CONCEIÇÃO, 1993; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO, 2005; MAIA; MAIA, 2005; LAVIOLA, 2006; SILVA, 2007; RIBEIRO, 2009).

Diante das manifestações sexuais das crianças, as professoras e os pais costumam agir de modo omissivo, ignorando o comportamento sexual de seus alunos/filhos – como o demonstra o caso da professora (P6) que mudou de assunto ao ser indagada por um aluno se tinha ânus – ou de modo repressor, ao julgar algum comportamento como feio ou errado – como, por exemplo, quando uma professora participante (P5) chamou a mãe de seu aluno que beijava outro menino, expondo-o.

Esses dados confirmam o estudo de Laviola (2006), em que as professoras da educação infantil também relataram se comportar de tal maneira, sendo permissivas com as manifestações sexuais de seus alunos apenas quando as interpretavam como menos sexuais, ou seja, quando não envolviam o toque ou a descoberta do corpo alheio. Assim como no estudo de Laviola (2006), diante dos comportamentos sexuais dos alunos, as professoras

relataram não se sentir confortáveis ou preparadas para lidar de maneira natural e acreditavam que seria importante haver um profissional mais capacitado para orientar seus(uas) alunos(as).

É interessante destacar que as manifestações das crianças refletem a influência de padrões sociais, que são explícitos nos programas de televisão, por exemplo, ou na imitação de comportamentos adultos, a que as crianças cada vez mais têm acesso e percepção, tal como comentam Nunes e Silva (2000) e Ribeiro (2009).

É possível afirmar que, tanto pais quanto professoras percebem os comportamentos sexuais das crianças, mas, no caso dos professores, essa percepção é mais evidente por serem (tais comportamentos) mais explícitos e recorrentes. No caso dos pais das crianças citadas pelas professoras, a percepção parece mais amena; em muitos casos os pais nem percebem a manifestação sexual de seus(uas) filhos(as). Nossa hipótese é de que em casa o controle sobre os comportamentos sexuais é maior ou os pais tendem a negar a sexualidade infantil.

Todavia, parece evidente que as situações em que as crianças manifestam comportamentos sexuais são freqüentes na pré-escola e em casa. Isso ressalta a necessidade de formação na área, que é desmerecida nos cursos de formação em Pedagogia ou Magistério (RIBEIRO, 1990; NUNES; SILVA, 2000; FIGUEIRÓ, 2004; MAIA, 2004), bem como da criação de uma parceria entre escola e família. O trabalho com os pais foi percebido pelas professoras como uma questão importante, o que seria fundamental para garantir a parceria escola-família, principalmente quando se trata de questões como a sexualidade.

As professoras evidenciam falta de formação acadêmica e se esforçam por improvisar atitudes de orientação, mas nada preparado pedagogicamente, preventivamente ou inserido em práticas pedagógicas da escola como um todo (FIGUEIRÓ, 2004; MAIA, 2004; LAVIOLA, 2006; RIBEIRO, 2009). Em geral, agem diante da ocorrência de comportamentos que consideram inadequados e têm mais facilidade quando não consideram muito “exagerados” os comportamentos e/ou as perguntas.

Considerando esses fatores, a orientação sexual na educação infantil costuma ser ausente ou inadequada, pois os professores não sabem como fazê-la ou não tiveram uma formação que os preparasse para isso. Como no ambiente da creche as manifestações sexuais ocorrem de modo freqüente, a formação continuada desses educadores se torna necessária para capacitá-los a lidar com o tema de maneira positiva e adequada (FERREIRA, MELO, ROSA, 2003; FIGUEIRÓ, 2004; NUNES; SILVA, 2000; EGYPTO, FIGUEIREDO; SILVA, 2006; RIBEIRO, 2009), de modo que estes educadores reflitam permanentemente a respeito da sexualidade em sua constante transformação na sociedade (FERREIRA, MELO, ROSA, 2003).

Conclusão

Já não é mais possível negar que as crianças são dotadas de sexualidade e estão expostas aos padrões sociais que regulamentam nossas ações e comportamentos. Ao mesmo tempo em que as crianças manifestam o prazer da descoberta do corpo, em situações de curiosidade, masturbação e jogos sexuais, também explicitam a imitação da sexualidade adulta, citando programas de televisão, expressões sexuais como beijo na boca e reprodução e padrões de gênero.

Professores e pais percebem de maneira cada vez mais evidente as expressões de sexualidade de crianças e costumam agir contando com o bom-senso e com os valores pessoais que carregam de sua própria educação sexual. No caso da escola, não se trabalha a temática pedagogicamente com as crianças, explorando suas curiosidades em sala de aula, nem incluindo o tema em outras atividades da creche ou dialogando com os familiares sobre essas propostas. Uma parceria entre escola e família possibilitaria às crianças vivenciar a própria sexualidade sem medos, da maneira mais positiva possível, em uma tentativa de formar adultos bem informados e seguros no que diz respeito à sexualidade.

A Psicologia tem um importante papel na elaboração de projetos voltados à formação de professores no que diz respeito ao tema, colaborando com o referencial teórico sobre o desenvolvimento infantil e a construção social da sexualidade. Essa formação deveria promover a reflexão e a instrumentalização dos educadores para compreender e agir diante de manifestações sexuais das crianças na escola, incentivando-os a garantir a aliança escola-família, almejando o desenvolvimento saudável da criança.

MANIFESTATIONS OF CHILD SEXUALITY: perception of parents and teachers for children from 0 to 6 years

Abstract

This article presents a descriptive-qualitative study aimed at investigating the perception of seven teachers, 5 parents and 18 mothers about the sexual expression of children until 6 years old, through a questionnaire with semi-open questions for content analysis. The sexual behavior identified by adults at home or school refers mainly to gender issues and the discovery of the body: the children reproduce conceptions of masculine and feminine, they manipulate their own bodies or that of others, and they talk about dating, kissing in the mouth and sex. The teachers have a higher perception of the children's sexual behaviors than their parents at home, because they are more explicit in school. Teachers report that the observed behaviors cause anxiety and discomfort, while the parents report that they usually talk with their children about the theme. In general, there are reports of little knowledge about how to deal with children's sexual manifestations: for teachers, who have little academic

training in the area of sexuality, and for the family, who show some personal and moral difficulties. It was concluded that participants understand children as having sexuality because they perceive different expressions of infant sexuality that are typical in the development. It is necessary to invest in teachers' academic and continuing education in early childhood, and in a joint work with family and school, in search of a positive experience of an emancipatory sexual education for children.

Keywords: Infant sexuality. Childhood. Sex education. Early childhood education.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual** - essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTA, Selma Frossard. O Projeto Político-Pedagógico nas Instituições de Atendimento Assistencial a Crianças de zero a seis anos. **Terra e cultura**. Londrina, n. 36, 2003. p. 27-38.

EGYPTO, Antônio Carlos; FIGUEIREDO, Elisabeth Bahia; SILVA, Maria Rosa da. **Orientação Sexual: educadores relatam experiências**. São Paulo: GTPOS, 2006.

FERREIRA, Adelir Pazetto; MELO, Sonia Maria Martins de; ROSA, Silvana Bernardes. Refletindo sobre a Sexualidade na Educação Infantil. **Revista Linhas**. v. 4., n. 1, 2003.

FIGUEIRÓ, Maria Neide Damico. O Professor como Educador Sexual: interligado formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio para uma Teoria Sexual. In: **Sigmund Freud – Obras Completas**. v. 7, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

GAMBALE, Carina Alvarez; VERGUEIRO, Francisca Vieitas; SILVA, Maria Cecília Pereira da. O Trabalho de Sexualidade na Escola e os Pais. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da. (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 141-148.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

JAGSTAIDT, Véronique. **A Sexualidade e a Criança**. São Paulo: Manole, 1987.

LAVIOLA, Elaine Cardia. Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis, Editora mulheres, 2006.

LOURO, Guacira. Currículo, gênero e sexualidade – o normal, o diferente e o excêntrico. In: _____; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Sexualidade*: reflexões sobre um conceito amplo. **SBPN: Scientific Journal**, São Paulo, v. 5, n.1, 2001. p. 45-48.

_____. Orientação Sexual na Escola. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.) **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. Sexualidade e educação sexual: Questões sobre a repressão. In: SILVA, Alexandro da; SANTOS, Benedita Rosa; SEQUEIRA, Camila Helcias (Orgs). **Infância e Adolescência em Perspectiva**. São Vicente: Prefeitura Municipal de São Vicente, 2006.

_____; MAIA, Ari Fernando. (Orgs.). *Sexualidade e Infância*. **Cadernos CECEMCA**. São Paulo: Unesp; Brasília: MEC, SEF, 2005.

MALDONADO, Maria Tereza. Erotismo na Infância. In: RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

MOTTIER, Véronique. **Sexuality** – a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

NUNES, César A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas/SP: Papyrus, 1987.

_____; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**. (Coleção Polêmicas do nosso tempo). Campinas, SP: Ed Autores Associados, 2000.

RAMIRO, Lúcia; MATOS, Margarida Gaspar. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 42, n. 4, ago. 2008 .

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

REIS, Gisele Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Educação Escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (org.). **Sexualidade e Infância**. São Paulo: CECEMCA, 2005.

RUFO, Marcel. **Tudo o que você jamais deveria saber sobre a sexualidade de seus filhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução de Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. Orientação Sexual nos Centros de Educação Infantil: um trabalho inédito na secretaria municipal de educação da cidade de São Paulo. In: SILVA, Maria Cecília Pereira (Org.). **Projeto de Orientação Sexual Infantil da Rede Municipal de Educação de São Paulo**. São Paulo: GTPOS, 2006.

_____; PEREIRA, Rosely Aparecida. Características da Sexualidade Infantil de 0 a 6. In: SILVA, Maria Cecília Pereira (Org.). **Projeto de Orientação Sexual Infantil da Rede Municipal de Educação de São Paulo**. São Paulo: GTPOS, 2006.

_____. Diálogo sobre Sexualidade: da curiosidade à aprendizagem. In: SILVA, Maria Cecília Pereira (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

_____. Características da sexualidade infantil de zero a seis. In: _____. (Org.). **Sexualidade começa na Infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.51-72.

SILVA, Ana Paula Soares da; PANTONI, Rosa Virgínia. Educação de Crianças em Creche (Apresentação). In: BRASIL, Ministério da Educação. **Educação de Crianças em Creche-Salto para o Futuro**. TV Escola. XIX, n.15, 2009. p. 5-16.

SPATA, Andrea. **Métodos de Pesquisa** – ciência do comportamento e diversidade humana. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

VERGUEIRO, Francisca Vieitas; GALLI, Rosa Maria de Mello. Masturbação Infantil. In: SILVA, Maria Cecília Pereira (Org.). **Sexualidade começa na Infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.75-81.

VITIELLO, Nelson; CONCEIÇÃO, Isaura S.C. Manifestações da Sexualidade das Diferentes Fases da Vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v. 4, n. 1, 1993. p. 47-60.